

Nem o cemitério escapou

Invasores ocupam área destinada aos mortos de Taguatinga. Perto de 30 barracos já foram erguidos no local

Da Redação

O terreno onde será construído o segundo cemitério de Taguatinga começou a ser ocupado antes mesmo de receber infra-estrutura. Não por mortos sepultados em jazigos, mas por gente muito viva que está invadindo área pública da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap).

A ocupação irregular começou há dez dias por famílias que foram retiradas de outras terras públicas localizadas há poucos quilômetros da nova invasão. Até ontem, pelo menos 30 barracos de madeirite, cobertos por telhas de amianto e lonas pretas, já haviam sido erguidos no local, às margens da DF-001, estrada que liga Taguatinga a Brazlândia, próximo da Pró-Flora.



Os invasores receberam ajuda do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Distrito Federal para construir os barracos. Durante a ocupação do terreno, derrubaram dezenas de eucaliptos e desmataram, de forma irregular, área equivalente a dez campos de futebol, segundo estimativa dos próprios invasores. "Se não tirarmos os eucaliptos, não teremos como produzir", tenta justificar o presidente do sindicato, Glicério Carvalho.

Segundo Carvalho, a ocupação é uma forma de pressionar o governo local a conseguir uma área, dentro do Distrito Federal, para assentar as famílias de produtores rurais. "O trabalhador rural está sem emprego e com fome. A única solução é encontrar terra para as famílias plantarem", justifica.

Carvalho afirma ter cadastrado todas as famílias que estão na nova área. São 30 ao todo — e tende a crescer com a chegada

de novos invasores nos próximos dias. "Todas elas (as famílias) são de produtores rurais", diz. Para ser cadastrado, sustenta ele, o candidato tem que provar que sabe lidar com a terra.

RETIRADA

Os invasores têm consciência de que será muito difícil ficar onde estão. Não será a primeira nem a última vez que serão removidos. Mesmo assim, se recusam a deixar a área antes de terem uma resposta do governo sobre um novo terreno onde possam ficar definitivamente. E, enfim, pisar a própria terra. Carvalho afirma que o sindicato tem intenção de remover parte dos agricultores para a Fazenda Alagoinha, área que fica em Água Fria (GO). Segundo ele, o local já foi vistoriado pelo governo federal e estaria pronto para receber os produtores rurais.

Boa parte dos invasores, entretanto, quer ficar no Distrito Federal. É o caso do agricultor Marco da Conceição Silva, 33 anos. Há dez dias, Marcos se mudou com a mulher e três filhos pequenos para a invasão do cemitério. A família dele é uma das que foram retiradas recentemente de outra invasão: a da Cana do Reino, também próxima a Taguatinga. Na ocasião, seu barraco foi derrubado e ele perdeu tudo o que havia plantado.

Apesar do contratempo, Marco não desistiu de lutar por um pedaço de terra dentro do Distrito Federal, local onde afirma ter nascido. Em seu novo endereço, ergueu sobre chão batido barraco de um cômodo e formou uma horta de onde pretende tirar o alimento para a família. "Vou criar animais e plantar de novo até um dia ser assentado. Quem sabe o governo resolve essa situação", diz.

Nehil Hamilton



Há dez dias, o agricultor Marco da Conceição se mudou para o cemitério: "Vou criar animais e plantar"

O que Marco não sabe é que sua família pode estar prestes a ter que deixar a casa nova. O gerente do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo), Jair

Tedeschi, afirmou que o governo sabe da existência da invasão e vai retirar os ocupantes do local ainda esta semana. Tedeschi explicou que a área ocupada

pertence à Terracap, mas está sob a supervisão da Fundação Zoobotânica. "Vamos retirar os invasores de lá e eles é que terão que saber para onde vão", diz.